

Resenha

As Novas Faces do Fascismo

Lucas Lopes Grischke*

TRAVERSO, Enzo. **As Novas Faces do Fascismo**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2021.

As vitórias de figuras da denominada “direita radical”, como Donald Trump (Estados Unidos), Marine Le Pen (França) e Lega Nord (Itália), alicerçadas em discursos de cunho xenófobo, homofóbico, antifeminista, racista e nacionalista, suscitaram debates midiáticos e acadêmicos acerca das aproximações destas posturas com aquelas propagadas por líderes fascistas dos anos 1930 e 1940, especificamente Adolf Hitler e Benito Mussolini.

Em sentido contrário ao senso comum, a proposta do pensador Enzo Traverso é expor, com “As Novas Faces do Fascismo” (2021), que essas semelhanças são meramente superficiais, visto que geralmente se enfoca no comportamento das personalidades políticas e não nos programas político-partidários. Por isso, o autor ressalta a necessidade de um estudo aprofundado e não neutro da história de ontem e do hoje para não se cair em armadilhas conceituais ligadas aos termos “fascismo”, “totalitarismo” e “populismo”.

Salienta-se que “As Novas Faces do Fascismo” foi lançado originalmente em 2017 e, após quatro anos, recebeu sua edição brasileira, o que poderia significar uma hipótese para ausência de uma análise acerca da ascensão da extrema direita, vitoriosa nas eleições nacionais do Brasil no ano de 2018.

Estruturalmente, a obra é dividida em duas partes, com três capítulos cada. A primeira parte, denominada “O Presente como História”, busca contextualizar o cenário político, social e econômico atual e tem os seguintes

capítulos: “Do Fascismo ao pós-fascismo”, “Identitarismo de direita”, “Espectros do islã”. Já a segunda parte, intitulada “A História no Presente”, traz o olhar inicial para o período entreguerras mundiais e apresenta como capítulos: “Interpretando o fascismo”, “Antifascismo”, “Os usos do totalitarismo”.

A seguir serão expostas as principais ideias desenroladas pelo autor em cada capítulo. No capítulo inicial, “Do Fascismo ao Pós-fascismo”, com o intuito de esclarecer confusões em expressões utilizadas e difundidas popularmente, o autor trata de diferenciar, sobretudo em contexto europeu e estadunidense, o fascismo do século XX, intitulado de “fascismo clássico” quanto ao fascismo do século XXI, denominado por Traverso como pertencente ao “movimento pós-fascista”.

Diferentemente de Löwy (2021), que determina os novos movimentos fascistas como “neofascistas”, Traverso compreende que esta expressão seria adequada para as tentativas de ressuscitar o fascismo clássico, enquanto que os movimentos atuais seriam melhor denominados de “pós-fascistas”.

Isso ocorre porque o pós-fascismo, segundo o autor, apesar de se influenciar pelo fascismo clássico, não obrigatoriamente é vinculado aos seus elementos originários e, por não ter uma estrutura bem definida, carrega contradições e conflitos.

À vista disso, há uma substituição ao ódio da vertente fascista original, notadamente antissemita e anticomunista, por uma xenofobia relacionada à religião islâmica. Acrescente-se que o pós-fascismo, ao contrário de sua versão clássica, não tem preocupações em construir “um novo mundo” que dê alternativas para além do liberalismo e do comunismo.

O capítulo 2, “Identitarismo de direita”, apresenta a ideologia excludente da direita europeia no que concerne aos refugiados e imigrantes. Esta posição retrógrada, na qual o etnocentrismo subjuga o comunitarismo, significa uma negação ao futuro de relações interculturais e de expansão demográfica.

Em outros termos, a campanha antimuçulmana é a bandeira fundamental da extrema direita na Europa, especialmente em território francês, ambiente de tensões e conflitos, instrumentalizado pelo republicanismo de um lado e o terrorismo como resposta exacerbada.

A proposta de reflexão em “Espectros do Islã”, terceiro capítulo, se encontra na esfera do ódio fascista, em época anterior direcionado ao “judeu comunista” e agora, ao novo inimigo, concentrado no personagem do terrorista islâmico. A esta islamafobia se agrega o temor racista de misturar raças e culturas ao “sangue puro” europeu.

Na segunda parte, o capítulo 4, “Interpretando o fascismo”, classifica a interpretação restritiva sobre o fascismo tendo como base o regime político de Mussolini e em caso mais amplo, ao governo de Franco (Espanha) e ao nacional-socialismo alemão. Seguem, nesta explanação, duas observações a respeito do tema: a conservadora e a marxista.

Para o olhar conservador, o fascismo tradicional é representado pela liderança carismática e destruição do Estado de direito. Por outro viés, o marxista, interpreta-se que o regime fascista é contrarrevolucionário, uma ditadura de classe.

Em estudo interpretativo atualizado, há a indicação de que o fascismo original busca construir a figura do “Novo Homem” e de uma nova sociedade, inseridas em uma comunidade nacional, sem barreiras entre o que é público e o que é privado e com rejeição ao marxismo, na perspectiva de opção ao liberalismo. Portanto, este campo analítico destaca quatro características primordiais do movimento fascista: revolução, ideologia, visão de mundo e cultura.

No que concerne ao quinto e penúltimo capítulo, “Antifascismo”, explica-se o que pode ser entendido como revisionismo histórico. Contestar o modelo dominante da história, reflete o autor, abre possibilidades tanto para incluir grupos marginalizados quanto para defender grupos opressores. Adiciona-se, ainda, uma relevante crítica aos estudos revestidos de aplicações

neutras e distantes de subjetividades, nas quais há uma indiferença à memória coletiva das vítimas de atrocidades causadas pelo fascismo.

O capítulo final, “Os usos do totalitarismo”, focaliza a vitória do liberalismo na batalha contra o fascismo e o comunismo, inclusive no sentido acadêmico e cultural, pois ambos movimentos foram colocados sob um conceito guarda-chuva de “totalitarismo”. De mesmo modo, na atualidade, a categoria “regime totalitário” é imposta e estendida ao novo inimigo ocidental: o terrorismo islâmico.

Assim, pode-se compreender pelo ensaio, que no século XXI, o fascismo, em sua nova face, abandona a conduta antiliberal ao aliar-se com o neoliberalismo e pretende reagir ao cosmopolitismo com a expulsão de elementos indesejáveis da sua sociedade. Já em relação ao comunismo, Traverso afirma que a esquerda política perdeu força no período Pós-Guerra Fria, sofreu impacto negativo no seu renascimento devido aos ataques do Onze de Setembro e, por fim, submeteu-se ao avanço neoliberal sem capacidade de propor uma alternativa, e deste modo, quem assume, na contemporaneidade, a defesa das classes populares são as lideranças presentes no pós-fascismo.

Neste horizonte, a obra exemplifica que enquanto os componentes do nacionalismo e da xenofobia se encontram presentes nas maiorias dos movimentos pós-fascistas, o mesmo não ocorre obrigatoriamente no que concerne ao antifeminismo e à homofobia. Isto porque, na ótica de seus seguidores e de suas seguidoras, a ameaça da invasão de estrangeiros e estrangeiras trazida pela globalização se coloca acima da necessidade de uma comunidade determinada por questões culturais, religiosas ou étnico-raciais.

Assim, a direita radical, em certos contextos, se coloca como receptiva às demandas de gêneros e sexualidades, desde que obtenha apoio destes grupos identitários no sentido de responsabilizar a imigração e a entrada de islâmicos pelas crises instauradas em seus países. Deste modo, há uma identificação que, por meio da exclusão, controla a população e determina quem é ou não cidadão.

A obra acrescenta que o colonialismo, enraizado na visão eurocêntrica, encontra, assim, sua nova versão no que tange à islamofobia. Desta maneira, a direita mais extremista, imbuída de valores em prol da defesa de uma identidade nacional, se ampara em decisões neocoloniais contra pessoas muçulmanas. É citado, nesta linha, o caso de proibição dos véus em escolas públicas na França, entendido como intolerância religiosa e xenofobia disfarçadas de universalismo e secularismo.

Além disso, após episódio dos ataques terroristas reivindicados pela organização Estado Islâmico (ISIS) em território francês, traçou-se uma tentativa de criar a terminologia “Fascismo Islâmico”, que na compreensão de Traverso, assim como “Fascismo de esquerda” é rasa e equivocada.

Em rápida observação, acerca de um possível “Fascismo Islâmico” dentre os aspectos semelhantes levantados, destacam-se a utilização da propaganda nos meios de comunicação de massa e a exaltação ao uso da violência, instrumentos utilizados tanto pelo fascismo clássico quanto pelo ISIS.

No entanto, em uma pesquisa mais detalhada, são visíveis as distinções. Em primeiro lugar, o aspecto religioso. Salienta-se que é simplório reduzir o Estado Islâmico a um simples fundamentalismo, uma vez que também é composto por sunitas nacionalistas descontentes com o governo xiita imposto na região. O ISIS é visto nesta perspectiva como uma solução extremista à ocupação imperial europeia e norte-americana em países como Iraque e Afeganistão. O fascismo clássico, por outro lado, fruto das derrotas da Primeira Guerra Mundial, não representou uma comunidade religiosa tradicional, mas uma religião política com símbolos e valores próprios.

Ademais, enquanto o ocidente apoiou governos fascistas como os existentes durante as décadas de 1960-1970 na América Latina, o ISIS, pelo contrário, é uma reação à imposição militar ocidental, responsável por incessantes guerras devastadoras. E, finalmente, o anticomunismo, motivador do fascismo clássico, não tem representatividade para o Estado Islâmico.

Por isso, acreditar que se luta contra um fascismo de origem islâmica, é por consequência ainda visualizar o mundo dividido como foi no período da Guerra Fria e tratar o antiterrorismo no mesmo sentido que o antifascismo.

O mesmo problema de desconsiderar o fator anticomunista é relatado na aparente faceta esquerdista do fascismo. O pesquisador aponta que a destruição do capitalismo não era intenção do movimento fascista contrarrevolucionário, em virtude de que a participação da elite foi fundamental para sua ascensão tanto na Itália quanto na Alemanha. Desta forma, o conservadorismo e autoritarismo de velhas classes foram preservados nestes países, com manutenção da estrutura econômica, oposto ao ocorrido em situações relacionadas às revoluções comunistas.

Outra questão a salientar do texto em debate são as análises apresentadas nos capítulos 1 e 6, que expõem a fragilidade conceitual de “populismo” e de “totalitarismo”, no momento em que se tenta enquadrar diferentes polos políticos de um modo forçado, com a finalidade de diagnosticar fatores comuns na esquerda e na direita.

No primeiro caso, do populismo, Traverso indica que reduzi-lo a semelhanças significa visualizá-lo unicamente sob o prisma de estilo de política, que unido aos atributos de autoritarismo, liderança carismática e rejeição ao pluralismo, dentre outros, permitiria inserir em um mesmo grupo personalidades divergentes, como Donald Trump e Hugo Chávez e, conseqüentemente, tomá-lo, de forma errônea como sinônimo ao pós-fascismo.

Para a obra aqui estudada, portanto, o populismo por excelência está centrado em Chávez, em que por meio da demagogia, convoca o povo contra elites, no sentido da inclusão de classes populares, opostamente ao populismo europeu ocidental, que é guiado pela exclusão e ao governo Trump, que não se situou contra as grandes empresas norte-americanas.

No que diz respeito ao totalitarismo, é esboçada a construção histórica que acarretou em associar a luta antifascista à defesa de um Estado totalitário. Para esta visão “antiantifascista”, um revisionismo revestido de

suposta neutralidade, a exaltação ao totalitarismo unifica o fascismo ao antifascismo.

A teoria desta corrente revisionista é que o movimento antifascista é relacionado à defesa do comunismo, que implantado por Josef Stalin, foi responsável pela morte de milhões de cidadãos e cidadãs soviéticos/as em trabalhos forçados nos Gulags.

Então, o essencial trazido pelo escrito de Traverso é que além de repudiar reduções simplistas nas interpretações das abordagens totalitaristas e populistas, bem como interpretar as novas vestimentas e faces do fascismo, encerra a obra com exposição de que as resistências em relação ao pós-fascismo estão em formação e surgirão em algum momento.

No entanto, constata-se que, no panorama vigente, a esquerda está desestabilizada e os movimentos sociais estão desconectados, sem horizonte de unidade. Para se enfrentar o articulado e novo fascismo que atingiu Europa, EUA, América Latina, seriam insuficientes pensadores isolados que defendem suas correntes ideológicas ou políticas. Desse modo, a resposta estaria além do diálogo de movimentos sociais, se concentraria na unificação de forças separadas por lutas identitárias. Este é o pensamento de Enzo Traverso.

* Lucas Lopes Grischke é assistente em administração e Membro do Núcleo de Gênero e Diversidade (NUGED) da Reitoria do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul). Possui graduação em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG (2009) e pós-graduação (MBA) em Administração Pública e Gerência de Cidades pelo Centro Universitário Internacional UNINTER (2012). Mestre em Direito e Justiça Social pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG (2019).
Contato: luopeslg@gmail.com.

Artigo recebido em: 26-09-2021

Aprovado em: 08-11-2021

Como citar este texto: GRISCHKE, Lucas Lopes. As Novas Faces do Fascismo. **Perspectivas Sociais**, Pelotas, vol. 07, nº 01, p. 169-176, 2021.

Referências

LÖWY, Michael. Dois anos de desgoverno – a ascensão do neofascismo. **A terra é redonda**, fevereiro, 2021. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/dois-anos-de-desgoverno-a-ascensao-do-neofascismo/> Acesso em: 15. jul. 2021